

CASUÍSTICA DE ENFERMIDADES EM RUMINANTES ATENDIDOS NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIA -UFPEL NO PERÍODO DE AGOSTO DE 2009 A JUNHO DE 2012.

BARBARA SCHERER¹; VIVIANE ROHRIG RABASSA ²; MARCIO NUNES CORREA; VINICIUS COITINHO TABELÃO; CHARLES FERREIRA MARTINS; RUBENS ALVES PEREIRA.

¹*Universidade Federal de Pelotas – bbrscherer@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vivianerabassa@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A crescente tecnificação do setor agropecuário do Brasil favorece o aumento de produção e renda para as famílias envolvidas nessas atividades, e por consequência maior número de animais por propriedade. Porém, juntamente com a evolução técnica vêm os problemas referentes à saúde do rebanho.

O estado se caracteriza pela diversidade de atividades realizadas dentro da pecuária, sendo encontradas propriedades de gado de corte, gado de leite e ovinos. O conhecimento das doenças que acometem os rebanhos de cada região é extremamente importante para que se estabeleça um protocolo preventivo para estas enfermidades, a fim de reduzir as perdas econômicas que ano após ano têm grande impacto na economia do estado e consequentemente do país.

O objetivo deste estudo foi determinar as doenças mais prevalentes na região Sul Rio Grande do Sul, através do levantamento de casos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram avaliados os casos clínicos em ruminantes atendidos no Hospital de Clínicas Veterinária da UFPEL no período de agosto de 2009 a junho de 2012. Os dados aqui expostos foram coletados com base nos diagnósticos presuntivos feitos por Médicos Veterinários responsáveis pela Clínica de Ruminantes, envolvidos na rotina do Hospital Veterinário, sendo os casos discutidos e reavaliados semanalmente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No seguinte trabalho foram expostas as principais enfermidades diagnosticadas em ruminantes no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas no período de agosto de 2009 a junho de 2012. O total de casos atendidos no período descrito foi de 259, sendo que os que foram observados em maior quantidade serão posteriormente discutidos. Esse levantamento se mostra importante para que as doenças que mais afetam ruminantes na região Sul do Rio Grande do Sul sejam melhor compreendidas e que se discuta o porquê da repetida ocorrência das mesmas. As enfermidades foram listadas em ordem de prevalência, sendo as mais comumente atendidas na rotina do

Hospital Veterinário. Tristeza parasitária (39,76%), diarreia em bezerros (13,89%), verminoses (5,79%), metrite (5,4%), mastite (2,7%), transtornos metabólicos (2,31%) e hérnia umbilical (1,93%). Os demais casos somam os 25,3% restantes. Serão discutidas a seguir as quatro doenças mais relevantes.

Segundo ALMEIDA (2006), a tristeza parasitária ocorre principalmente nas chamadas zonas de instabilidade enzoótica, sendo uma delas o estado do Rio Grande do Sul, onde o clima determina a época em que o gado fica livre da presença do carrapato *Boophilus microplus*, transmissor da doença (primavera e inverno). No sul do estado há ainda áreas livres do carrapato, tornando os animais susceptíveis à doença já que não possuem imunidade contra os agentes (*Babesia bovis*, *Babesia bigemina*, *Babesia* sp e *Anaplasma marginale*). Frente ao total de casos atendidos na região, a tristeza parasitária tem grande prevalência na casuística sendo que comparando os agentes, a *Babesia bovis* vem na dianteira, seguida pela *Anaplasma marginale* e posteriormente pela *Babesia* sp e pela *Babesia bigemina*. A infecção mista ficou em último lugar do ranking dos dados coletados. O controle da tristeza parasitária em áreas vulneráveis se baseia no cuidado para que o rebanho não entre em contato com o carrapato, ou seja, precauções ao introduzir animais de fora e verificar os status sorológico dos que foram adquiridos para integrar o plantel.

Segundo RECK (2009) falhas de higiene e manejo podem levar bovinos neonatos a terem diarreia, causando prejuízos aos produtores pela perda de animais e gasto com tratamentos. Condições ideais para agentes infecciosos causam hipersecreção intestinal e má absorção, ocasionando o quadro diarreico. Os agentes envolvidos podem ser bactérias ou protozoários, que podem agir em conjunto ou separadamente, sendo que a primeira situação é a mais comum. Outros fatores relacionados com a diarreia neonatal são pouca ingestão de colostro, alta lotação, fatores climáticos, qualidade de alimento e até a primiparidade das vacas. A colibacilose é bastante comum nestas condições, e é uma doença que pode ser classificada como entérica e septicêmica e seus índices de morbidade são maiores em bezerros de leite do que nos de corte. Os fatores de risco envolvidos com a colibacilose são idade (até 3 dias de idade), imunidade (passiva, a falha dela) e lotação (piquetes cheios). RECK (2009) diz que uma investigação epidemiológica por parte do Médico Veterinário é indispensável para poder identificar quais fatores de risco estão expondo o animal à doença, para que os mesmos sejam minimizados. Os doentes devem ser mantidos separados do resto do rebanho, que deve ser avaliado em sua totalidade e posteriormente mudanças no manejo devem ser feitas para que não surjam novos casos.

Segundo CEZAR (2008) a ovinocultura é fortemente prejudicada pelas doenças causadas por endoparasitas, sendo as helmintoses as principais responsáveis por perdas no setor. Por esse motivo para que se tenha um programa de controle de helmintoses eficiente, se faz necessário o conhecimento da epidemiologia das mesmas, já que a resistência aos anti-helmínticos é um problema instalado na região a vários anos. Cada rebanho tem suas particularidades que devem ser levadas em conta na hora da escolha do antiparasitário. As regiões Centro e Oeste do Rio Grande do Sul favorecem por meio de suas pastagens nativas que os animais sofram um restrição alimentar nos meses mais frios do ano, promovendo um aumento na eliminação de ovos de helmintos nas fezes dos animais parasitados, caracterizando o aumento gradativo de contaminação das pastagens. Os

nematódeos dos gêneros *Haemonchus*, *Trichostrongylus*, *Cooperia*, *Ostertagia*, *Chabertia* e *Strongyloides* são os parasitas mais encontrados nos rebanhos da região citada, sendo que *Haemonchus*, *Trichostrongylus* e *Cooperia*, se destacaram com maiores taxas médias de larvas infectantes resultantes das coproculturas. O controle dessas infecções se mostra essencial para um incremento de produtividade na ovinocultura, e mais estudos epidemiológicos podem ser de grande valia para o alcance desse objetivo.

A metrite é uma doença reprodutiva comum em vacas leiteiras durante o período imediatamente após o parto. Segundo PAISLEY (1986), O período pós-parto é muitas vezes prolongado como resultado de involução tardia do útero, atraso à retomada do ciclo estral ou ambos, e o intervalo normal entre o parto e a involução uterina completa varia de 30 a 50 dias. Essa involução envolve descamação e necrose da camada superficial, encolhimento das carúnculas e reepitelização das mesmas. A involução uterina não é retardada em vacas amamentando, que muitas vezes têm retornos muito atrasado ao ciclo estral normal. Novilhas primíparas, que frequentemente têm início tardio do ciclo estral, têm maiores taxas de involução uterina que vacas pluríparas. Infecções uterinas, que retardam a involução, são mais facilmente eliminadas em vacas com ciclos estrais regulares. De acordo com SMITH (1998), o grau de patogenicidade relacionada com infecções uterinas varia consideravelmente de acordo com vários fatores, sendo que na maioria dos casos de metrite simples o organismo da vaca se encarrega de sozinho de se curar da enfermidade. Entretanto, se esses mecanismos falham, a metrite instalada pode resultar numa condição tóxica que se caracteriza por febre, diminuição da produção de leite e uma descarga uterina fluida e fétida. A metrite pode ser causada por abortos, partos prematuros, retenção de membranas fetais, partos gemelares, distocia, lesão de útero e de cérvix, além de falta de higiene, manobras obstétricas mal conduzidas, atonia uterina, má condição nutricional ou de saúde ou, ainda, sêmen contaminado. Involução uterina não é retardada em vacas amamentando, que muitas vezes têm retornos muito atrasado ao ciclo estral normal. Novilhas primíparas, que frequentemente têm início tardio do ciclo estral, têm maiores taxas de involução uterina que vacas pluríparas. Infecções uterinas, que retardam a involução, são mais facilmente eliminadas em vacas com ciclos estrais regulares.

4. CONCLUSÕES

Sendo compreendidos os mecanismos das principais doenças que afetam o rebanho de uma dada região, a erradicação/controlar das mesmas se torna uma realidade para produtores e Médicos Veterinários, tendo sempre como objetivo a melhoria da qualidade dos produtos de origem animal e a alavancagem do setor pecuário aos olhos do agronegócio nacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.B. Tristeza Parasitária Bovina na Região Sul do Rio Grande do Sul: Estudo Retrospectivo de 1978-2005. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 26, 2006.

CEZAR, A.S. Aspectos Epidemiológicos das Helmintoses Gastrointestinais em Ovinos das Regiões Centro e Oeste do Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Conbravet 2008**, Gramado, 2008. Anais.

SMITH, B.I. Comparison of Various Antibiotic Treatments for Cows Diagnosed with Toxic Puerperal Metritis. **Journal of Dairy Science**, Champaign, v. 81, n.6, 1998.

PAISLEY, L.G. Mechanisms and Therapy for Retained Fetal Membranes and Uterine Infections of Cows: a Review. **Theriogenology**, Pullman, v. 26, n. 3, p. 353–381 1986.

ZIGUER, E.A. Alterações clínicas em bovinos de leite na região centro-norte do Rio Grande do Sul. **A Hora Veterinária**, Porto Alegre, v. 26, n 156, p. 23-26, 2007.

RECK, M.V.M. **Diarréia Neonatal Bovina**. 2009/2. Monografia (Graduação) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FRASER, C. M. **Manual Merk de Veterinária**. 7ª ed. São Paulo: Roca, 1991.

GRUNERT, E.; BIRGEL, E.H. **Obstetrícia Veterinária**. 3ª ed. Porto Alegre; Sulina, 1982.

PUGH, D. G., **Clínica de Ovinos e Caprinos**, 1ª ed., São Paulo: ROCA, 2004.

RADOSTITS, O. M. et al., **Clínica Veterinária**, 7ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

RIET-CORREA, F. et al., **Doenças de Ruminantes e Equinos**, 1ª ed., São Paulo: Livraria Varela, 2001. Voll.